

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Membros do Governo

O funcionamento regular e eficaz da democracia depende da forma como cada um cumpre as suas obrigações e respeita o lugar institucional que lhe cabe a si e a todos os agentes da vida pública.

Quando uns tentam usurpar o lugar dos outros, quando actuam como se a mera existência dos outros os incomodassem, ou como se, em democracia, fosse sequer possível que apenas existisse uma cor, uma voz, um dono de tudo e de todos, quando isto acontece está a pôr-se seriamente em causa a saúde da vida democrática de uma sociedade.

Nos Açores, o PS quer ser tudo, quer ocupar todos os lugares, ao mesmo tempo, quer ser Governo e oposição, pois, não se limita a exercer o poder de gerir os destinos da Região, ao qual se agarra como se isso dependesse apenas de si próprio, marcando também a sua actuação

por querer ser oposição á própria oposição, em especial, ao PSD.

Na verdade, não há conversa nem escrito socialista em que não exista um feroz e obstinado ataque ao PSD e, em particular, á sua Presidente, Dr^a Berta Cabral.

Até aqui tem sido assim. O PS monta umas encenações de democracia e respeito pelos outros e, no final, actua como se tudo girasse apenas à sua volta e dos seus interesses.

Os debates de Plano e Orçamento da Região têm constituído um evidente exemplo desta postura.

Todos os anos, o Governo – como se fosse o Governo a mandar e não esta Assembleia!... – faz a cena de dizer que está disponível para aceitar propostas de alteração. Mas, todos os anos, até esta data, o PSD já apresentou cerca de uma centena de propostas de alteração ao Plano e Orçamento da Região e o PS acaba por ser aquilo que verdadeiramente é... e não ouve, nem considera as propostas do PSD que, por regra, rejeita .

Porém, o PSD não desiste, porque não orientamos a nossa acção pela postura do PS, mas, apenas, e exclusivamente por aquilo que, na nossa perspectiva, melhor defende os interesses dos açorianos e das nove ilhas dos Açores.

O PS, por seu lado, pensa que a sua arrogância totalizante e dominadora tem como consequência o conformismo e a resignação dos outros.

O PSD não age como o PS quer.

O PSD é diferente do PS e daquilo que o PS quer que o PSD seja.

O PSD age de acordo com o sentido de responsabilidade de ser alternativa, de assumir a diferença, de forma convicta e firme, e, sobretudo, de ser a afirmação positiva da Esperança que os açorianos podem ter num novo modelo de governação, numa nova dinâmica da sociedade, numa nova forma responsável e livre de assumir e respeitar o papel que a cada um cabe na construção deste novo tempo: o papel dos cidadãos e daqueles que os representam independentemente do lugar da bancada política que circunstancialmente ocupam.

Como força de alternativa, PSD denuncia com firmeza aquilo que não está bem ao mesmo tempo que apresenta propostas.

É assim que entendemos a política!

Não nos ficamos pelo rigoroso diagnóstico e pela crítica necessária, damos um passo em frente apresentando alternativas e proposta diferentes que, efectivamente, promovam o desenvolvimento dos Açores e melhorem a vida dos açorianos.

Por isso, não partimos dos mesmos pressupostos da actual governação dos Açores. Temos valores próprios, princípios diferentes, posturas distintas, e uma vontade imensa de mudar!

Por isso e para isso, a nossa matriz de acção política assenta em três pilares fundamentais: Inovação, Crescimento e Apoio.

É urgente inovar!

Nos últimos 15 anos, o Mundo mudou muito e depressa!

Assistimos a uma relativização dos conceitos e das realidades que determinaram as percepções que dominaram as intervenções políticas, sociais e económicas das últimas décadas do século passado.

As novas tecnologias, a evolução dos transportes, os avanços científicos, a revolução energética, as alterações climáticas, as aberturas dos territórios, as mudanças culturais e a circulação das gentes, relativizaram o Espaço, o Tempo, as Instituições, como o Estado, e as concepções da realidade, na mesma medida, que promoveram uma alteração nas ambições e necessidades das pessoas.

É neste movimento que nos propomos participar, é neste Mundo que o PSD quer integrar os Açores, no mundo da modernidade, no Mundo aberto com novas e diferentes políticas de participação eficaz na Europa, com novas e diferentes políticas que valorizem e dimensionem verdadeiramente as deslocações migratórias, que nos afectam e podem promover e fazer crescer a vários níveis, com novas e diferentes políticas que assumam eficaz e destemidamente o nosso lugar no Mundo na decorrência

das nossas especificidades geo-estratégicas no novo mapa geo-político do planeta. É no Mundo da valorização da diversidade biológica, ambiental e cultural que queremos que os Açores se envolvam e sejam considerados.

É com esta perspectiva de Futuro e Inovação que marcamos a nossa intervenção política!

Perante estas ideias e propostas do PSD, o que é que vemos nos documentos do Governo ora em apreciação?

Desde logo, nem é fácil fazer uma análise genérica deste Plano e deste Orçamento em especial, uma vez que os mesmos são apenas a continuação de uma prática e modos de governação dos últimos 13 anos.

De facto, se a marca impressiva que o PSD quer deixar é a da Inovação, pelo contrário, a marca que este Governo deixa é a de que não há nada de novo!

Tudo se resume a continuar ou concluir. Até em muitos dos casos em que se fala em iniciar, está apenas a prever-se o início de obras ou investimentos previstos... imagine-se, há 12 ou há 10 anos...

Até aquilo que se pretende iniciar já é velho, pelo menos, de promessas e anúncios...

Tudo como se estivéssemos há 10 ou 12 anos atrás!

Projectos novos, novas ideias, novas dinâmicas, Inovação?

Nada de substancial ou significativo!...

Para além da marca da Inovação, o PSD assume o desafio do Crescimento!

Nos últimos treze anos, os Açores não cresceram como deveriam!

Não aproveitamos as dinâmicas e os recursos que nos deram o Estado e a Europa. E, sobretudo, não foram potenciadas as capacidades dos açorianos.

A Produtividade não cresce. Estamos no mesmo nível que estávamos em 1996.

Não temos conseguido uma aproximação efectiva com as médias de desenvolvimento da União Europeia.

O peso das Receitas próprias no Orçamento da Região baixou 17,6% em cinco anos.

Os Açores são cada vez menos capazes de gerar aquilo que gastam!

Já nem sequer o Plano de Investimentos cresce. O tal que era sempre e sucessivamente o maior de sempre já não o é.

Pelo contrário, cresce aquilo que não devia crescer.

A despesa de funcionamento cresce enquanto o investimento baixa.

Curiosamente, quando as despesas dos açorianos, das suas famílias e empresas têm de baixar, a despesa do Governo sobe.

Mais uma prova de que este é um Governo que tem cada vez menos a ver com as pessoas e a empresas dos Açores.

Também cresce a dívida total da Região que, em 2010, poderá aproximar-se dos 800 milhões de euros.

A este nível, começam a sentir-se os efeitos da insustentável desorçamentação que exige uma resposta orçamental expressiva e inadiável.

Também cresce o desemprego cujo efeito na vida dos açorianos é verdadeiramente preocupante e nuns casos dramático.

Como continua a crescer o número dos açorianos que, não produzindo, vivem na dependência do Rendimentos Social de Inserção. Só de Janeiro para Setembro são mais cerca de dois mil!

Na verdade, cada vez mais os açorianos sofrem para satisfazer as despesas das suas famílias e as empresas vivem em dificuldades.

Como prova este orçamento, por exemplo, com a redução da receita prevista de IRC em 48,27%. Isto é, prevê-se que para 2010 as empresas açorianas vão gerar cerca de metade do que se previa há um ano atrás.

O retrato negativo da economia açoriana quem o faz é o próprio Governo com este Plano e Orçamento.

Apesar de tudo isto, apesar desta profunda crise financeira, económica e social que se vive nos Açores, nas empresas e no mercado de trabalho, o Governo prevê investir muito menos na qualificação profissional.

Quando as empresas esperam um Plano orientado para a criação ou manutenção de emprego, como defende o PSD, o governo socialista reduz em mais de 17% o apoio ao Fomento da Competitividade.

Ao mesmo tempo que baixam 14,3% os apoios financeiros ao investimento, nomeadamente no SIDER, ou reduz em cerca de 20% o programa destinado ao Desenvolvimento do Turismo.

Quando as famílias desejam um Plano vocacionado para ajudar a enfrentar as dificuldades da conjuntura, como defende o PSD, o governo socialista reduz em mais de 50% o investimento público no sector da Habitação.

Não há assim uma perspectiva de crescimento!

O PSD também aqui é diferente!

O PSD assume o crescimento como uma aposta!

Com uma diferente perspectiva, assumido como prioritárias áreas como a Energia. Apesar dos avanços importantes verificados nos últimos tempos, é necessário e possível fazer mais, transformando os Açores numa região energeticamente sustentável e mesmo exportadora de energia.

O PSD defende como essencial o estímulo às pequenas e médias empresas.

O PSD propõe uma diferente aposta nos transportes cujas políticas, em termos aéreos e marítimos, têm sido um obstáculo ao nosso crescimento.

O PSD propõe uma aposta no Mar e nos seus imensos recursos como vector fundamental do nosso crescimento.

O PSD apresenta como fundamental uma aposta na promoção das diferenças que nos caracterizam quer ao

nível das produções locais tradicionais quer ao nível do Turismo como sector decisivo para a nossa sustentação, designadamente, em termos de emprego.

Nesta percepção de crescimento incluímos uma clara e evidente aposta na educação e na qualificação profissional, como factor decisivo para valorizar os açorianos e potenciar as suas capacidades, de modo a que sejam as pessoas os verdadeiros agentes do nosso crescimento.

É, assim, com Inovação e promovendo o Crescimento que o PSD orienta a sua acção política, sem esquecer o Apoio àqueles que verdadeiramente necessitam.

Também aqui o PSD é diferente.

O actual Governo promove a dependência estrutural dos mais débeis, o PSD tem propostas políticas de apoio àqueles que conjuntamente tenham dificuldades, pela idade ou por alguma circunstância que os fragilizem.

Não podemos aceitar que se viva uma vida inteira, gerações atrás de gerações, na dependência do orçamento público.

O PSD defende um apoio social efectivo e real e que promova e valorize verdadeiramente as pessoas.

No fundo, o PSD está preocupado com as pessoas, mas confiante nas suas capacidades.

Não podemos aceitar, por exemplo, que, na nossa Região, existam idosos que saem da consulta médica e colocam a receita no balde do lixo.

Por isso, o PSD propõe um apoio alargado á aquisição de medicamentos por todos os pensionistas sociais e cidadãos em situação de debilidade.

Por isso, o PSD propõe políticas de apoio domiciliário eficaz que dignifiquem a vida daqueles que necessitam.

Por isso, o PSD quer acabar com as vergonhosas listas de espera em consultas e cirurgias que continuam a fazer a vida num inferno a tantos açorianos.

Por isso, o PSD defende uma efectiva política de proximidade, designadamente com o apoio social, médico e de enfermagem nas várias localidades.

Por isso, o PSD defende um diferente, mais alargado e próximo apoio á infância e juventude.

Por tudo isto, ao contrário do que o PS afirma e quer, não estamos contra o Governo, estamos, sim, a favor dos açorianos desempregados, a favor dos empresários com dificuldades, a favor dos doentes que esperam anos por médico, a favor dos açorianos que pagam as passagens mais caras do mundo, enfim, estamos a favor dos Açorianos e das suas capacidades para que ultrapassemos as dificuldades que marcam os dias e as horas de muitos daqueles que vivem nestas ilhas.

Iniciamos, assim, este debate, com o diagnóstico da realidade açoriana, fazendo frontalmente as críticas necessárias, ao mesmo tempo que expomos as nossas propostas sustentadas na Inovação, no Crescimento e no Apoio que o PSD quer promover nestas ilhas.

Está, agora, nas mãos do PS aceitar ou não estas propostas. É o desafio que deixamos!

O desafio de saber se o PS é capaz de enfrentar este debate sem passar o tempo a falar mal do PSD, mas, apenas, analisando e discutindo as propostas de Plano e Orçamento, a vida dos açorianos e o desenvolvimento dos Açores.

A nós, o que nos motiva é e será sempre, apenas, o cumprimento dos nossos deveres de representação política dos açorianos.

Com verdade, sentido de responsabilidade, convicção e confiança nuns Açores maiores, melhores e mais livres.

Disse.

Horta, Sala das Sessões, 24 de Novembro de 2009